

**HETEROTOPIA**Sergio Schargel¹

Recebido em: 25 mar. 2020.

Aceito em: 02 jul. 2020.

DOI 10.26512/aguaviva.v5i2.30229

A rua está um caos. Parece comemoração de vitória em Copa do Mundo. Com certeza, alguns tratam como se tivesse sido. Uma conquista histórica, eles dizem. A corrupção agora vai acabar, a crise também. O dólar vai chegar a dois reais. É a nova era.

Um homem, branco, de meia-idade, bêbado, passa gritando na rua. É domingo, quase meia noite. “MORTE AOS COMUNAS”, ele diz, ao que alguém grita do prédio vizinho “CALA BOCA PORRA”. Ele responde “COMUNA É TUDO INTOLERANTE MESMO”.

E acorda.

Suado, em um quarto imundo, repleto de garrafas vazias jogadas de cerveja e vodka, sem entender nada. Ele permanece alguns minutos deitado no colchão de algo que parece um dia ter sido uma cama. Vestia o que um dia fora uma roupa social, mas completamente encharcada e rasgada. Por mais paradoxal que pareça, por tanto transpirar ele até estava com frio. Após tentar reconstituir por alguns minutos como chegou ali, e fracassar, se levantou. Lembrava-se apenas de ter saído para comemorar a Nova Era. Era um campo de novas esperanças, finalmente a corrupção iria acabar! O Brasil nunca seria uma Venezuela. Sua cabeça berrava, estava muito velho para beber, embora a ocasião pedisse.

Alguém abriu com força a porta, soltou um grito e saiu correndo. Ele também se assustou e instintivamente se arrastou para trás, encostando-se à parede. Sem compreender nada, não sabia o que fazer. Até onde sabia estava em sua casa. Mesmo com um raciocínio limitado pelo sono e pela ressaca, pensou o que qualquer um pensaria: que estavam invadindo sua casa. Um ladrão, certamente um ladrão petista, inconformado com a derrota. Levantou-se, procurou a primeira coisa com que pudesse se defender. Na ausência de uma faca ou de qualquer arma – onde estaria

¹ Mestrando em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio, mestrando em Ciência Política pela UNIRIO. Bolsista CNPq. Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo (2016) e Comunicação Social - Publicidade e Propaganda (2018), ambas pela PUC-Rio. E-mail: sergioschargel_maia@hotmail.com



a sua Glock? – agarrou uma raquete de choque contra mosquitos. Não era muito eficiente, mas era melhor que nada. Não sabia se os bandidos estavam armados, mas não daria tempo para eles perceberem que ele não estava.

Sabia que era a sua casa pelo menos, aquele era o antigo quartinho da empregada – por que estava dormindo ali? Tivera que demiti-la quando a PEC das Domésticas foi aprovada e ela começou a pedir abusos como férias e décimo terceiro. Como é difícil ser patrão no Brasil. Mas a área estava quase irreconhecível. Parecia um campo de refugiados. Roupas espalhadas displicentemente por todo o chão, algumas formando uma espécie de cama. Seus móveis haviam desaparecidos, com exceção do tanque, lotado de escovas de dente. Aquela era mesmo a sua casa ou a ressaca o estava fazendo confundir? Talvez tivesse entrado no lugar errado.

A pessoa voltou acompanhada por outra. Uma delas deu um grito débil de horror quando viu que o homem empunhava a raquete.

Protagonista: Mas que porra é essa? Quem são vocês?

As duas pessoas permanecem imóveis por um tempo. Uma delas fala para a outra:

Pessoa 1: Rápido, chama o Gomes/a Regina.

Ao que a pessoa 2 sai da sala.

O protagonista se levanta da cama, muito assustado, mas tonto. Se apoia no armário para não desabar e agarra uma raquete elétrica contra mosquito que estava ao lado de sua cama. Fica em posição de guarda, ameaçando com medo daquelas pessoas.

Pessoa 1: pera lá, calma, cara. Abaixa isso, ninguém vai te fazer nada. Como você acordou? Quem é você?

Protagonista: Como assim, porra, você entra na minha casa e pergunta quem sou eu?

Pessoa 1 (surpreso): sua casa?!

Nisso a Pessoa 2 e Gomes/Regina chegam no quarto. Gomes/Regina faz uma expressão de espanto, mas logo recompõe-se.

Gomes para Marina (Pessoa 2): CARALHO MARINA, eu não acreditei quando você falou, mas é verdade. Ele tá acordado.



Protagonista: Acordado? Quem são vocês, porra? O que vocês tão fazendo na minha casa? Cadê a Joana? A Matilda? Vou ligar pra polícia, seus merdas.

Gomes (tentando apaziguar): moço, calma aí. Há pelo menos dois anos nós ocupamos essa casa, depois da Grande Inundação. Quando chegamos, você já dormia na cama. Tentamos te acordar, mas você não se levantava por nada, então assumimos que tivesse em coma e o colocamos no canto. Ocupamos a casa porque perdemos tudo com a Grande Inundação.

Protagonista (chocado): Como assim? Que grande inundação, porra. Vocês são vagabundos do MST, né? Já tão até invadindo casa na cidade agora, porra?

Marina: Moço, deixa eu perguntar, qual a última coisa que você se lembra?

Protagonista (ainda muito irritado, mas um pouco mais calmo): Sai pra comemorar a Nova Era com a vitória nas eleições. Dia 28.

Gomes: 28 de quando?

Protagonista (ainda muito irritado, mas um pouco mais calmo): Como de quando, caralho? De 2018, de quando mais?!

Pessoa 1, Gomes e Marina se entreolham, surpresos. Pessoa 1 fala: Moço. A gente tá em 2038.

Protagonista se assusta mais ainda. Abre os olhos, franze a testa, tenta se lembrar. Todos ficam mudos por alguns segundos. Por fim, **Protagonista pergunta:** o que aconteceu? Eu não deveria estar em um hospital? Vocês têm alguma notícia da minha família?

Gomes: desculpa, não sabemos. Chegamos aqui no final de 35, essa casa estava desocupada. O senhor já dormia ali na cama. Não no hospital. Como você só dormia e imaginamos que estivesse em coma, o movemos para o chão. Até tentamos levá-lo para o SUS, mas não temos condição de pagar a diária que eles cobrem, então tivemos que deixar você aí.

Protagonista: 35?!

Gomes: é, 2035.

Protagonista: porra, como assim 2038? 2035? Como eu fiquei 20 anos desarcodado e não morri? Eu não me lembro de nada. [fica um tempo em silêncio]. Pera, você disse pagar internação no SUS?

Pessoa 1: você é mesmo de 2018? Como não envelheceu?



Pessoa 2 [sussurrando enquanto os outros falam]: parece que o roteirista ficou com preguiça de desenvolver uma explicação

Marina: desde 2024 que não tem mais saúde gratuita no Brasil, moço.

Gomes: agora o SUS faz parte do Itaú.

Protagonista: mas tá barato e acessível a todos, certo? e nossos impostos diminuiram, aposto? Ele disse que faria isso. Se vocês tivessem se esforçado com certeza conseguiriam me deixar lá.

Gomes: cara, a diária de internação custa 1000 reais no leito mais vagabundo que tem. Não temos condições financeiras de pagar isso nem pra gente.

Protagonista: mas esse era um bairro rico. Como vocês não tem condições de pagar isso? Aliás, o que aconteceu com a minha casa? Parece uma favela. Por que o MST tá na Zona Sul agora?

Pessoa 1: mas que porra é MST?

Marina: como você é burro, João. É aquele grupo terrorista que existia uns 20 anos atrás. Não te ensinaram nada na faculdade? Eles que colocaram aquela bomba no Congresso, acho que foi em 2020. Eles eram um grupo de extrema-esquerda, ligado ao presidente.

Protagonista: sim, ligado ao Lula.

Marina: que porra é Lula?

João: como você é burra, Marina. É aquele ex-presidente que foi preso.

Marina: você vai ter que ser bem mais específico que isso...

Protagonista: po, pera lá, mano. Isso tá tudo esquisito pra caralho e eu to muito confuso, não sei o que tá acontecendo direito. Mas se o que vocês estiverem dizendo for real, então eu aparentemente estive desacordado por mais de 15 anos? Como isso é sequer possível? Sem máquinas? Como eu me alimentava? Água? Olha, eu tenho muitas perguntas. Mas queria que vocês saíssem da minha casa, pedindo com educação. Sei que vocês tavam usando, mas agora eu estou de volta e preciso dela.

Gomes: não podemos fazer isso.

Protagonista: e por que não, porra?



Gomes: primeiro que essa casa não é mais sua, o ex-presidente expropriou todas as residências vazias alguns anos atrás. A maioria foi concedida ao Facegoogle, mas as que sobraram foram ocupadas. Só na “sua” sala tem um acampamento de 20 pessoas. Nós três moramos aqui nesse quarto, porque pagamos um aluguel maior pro banco.

Protagonista: Facegoogle?

Gomes (segurando o riso): porra, nem isso você sabe?

Protagonista: eu conheço o Facebook e o Google.

Gomes: com o lançamento da cripto-moeda Libra e a fusão entre Facebook e Google, Zuckerberg acabou comprando grande parte das estatais brasileiras no Grande Leilão.

Protagonista: você parece saber de história pra caralho, pra um mendigo.

Gomes: eu sou doutor em História pela UFRJ, mas nunca cheguei a exercer a profissão. A UFRJ também foi vendida pro Facegoogle, acho que em 2022?... Ou foi 2023? João, você se lembra?

Protagonista (interrompendo com animosidade e rispidez): ah é? Pois eu também sou doutor. Mas em algo útil.

Marina: sério? Em que?

Protagonista: tenho bacharel em Direito pela Uniesquina

Marina: ah... (sussurrando pro Gomes) aposto que reprovou na OAB...

Protagonista: aposto que vou me dar bem nessa Nova Era. Os comunistas de humanas viraram todos mendigos, porque o governo percebeu que não faz sentido torrar dinheiro público numa coisa inútil que nem história. Mas direito sempre tem emprego, assim que eu me recuperar vou comprar essa casa de volta e mandar todos vocês vagabundos pra rua!

João: mas direito não é humanas?

Gomes: boa sorte com isso. A justiça agora também é privada.

Protagonista: melhor ainda, não preciso ficar servindo um Estado escroto.

Gomes: a Amazon agora é dona de todo o sistema judiciário.

Protagonista (surpreso): que



Gomes: não há mais judiciário público.

Protagonista: você quer dizer não há mais judiciário controlado, né. Agora sim ele é livre. E melhor ainda então, no sistema privado não vou ter que ficar fazendo concurso que só passam cartas marcadas. Agora que vou me dar bem.

Gomes: então... Só parentes e relativos ao alto escalão da Amazon é que são contratados.

Protagonista: mas que porra? Isso é nepotismo!

Gomes: é, mas ninguém se importa. A Constituição de 34 prevê isso, inclusive.

Protagonista (balança a cabeça e franze as sobrancelhas): Constituição de 34? Mas essa já caiu há muito tempo. E a Cidadã de 88?

Marina: 2034, esperto.

Gomes: isso. Começou quando o filho foi nomeado embaixador, não sei se você ainda estava acordado nessa época.

João: mas é diferente. Ele fritava hambúrguer, tinha todas as qualificações pra ser embaixador. Não era por ser filho do presidente.

Gomes: sim. Assim como se o filho do CEO da Amazon é o diretor do novo judiciário privado é porque ele mereceu.

Marina: moço, você deve estar bem abalado com tudo isso. Quer uma água, sair para tomar um ar?

Protagonista: não, quero saber mais. E a educação, o que aconteceu com as escolas e universidades lotados de doutrinadores comunistas?

João: ah, disso eu entendo bem!

Marina: o João estudou na Uniesquina federal, formado em Direito. (sussurra para o protagonista e ri): ele também gosta de ser chamado de doutor.

Gomes: e é por isso que está aqui conosco, está há 10 anos pagando o empréstimo que fez para poder estudar. E ainda vai continuar assim por muitos anos

João: mas pelo menos agora tenho um emprego.

Marina: que de nada adianta, já que todo o seu dinheiro vai para o empréstimo.



Protagonista: mas e os doutrinadores?

João: ah, o presidente resolveu esse problema! Alguns, covardes, fugiram para Europa. Mas a maioria ou foi presa ou teve que procurar um emprego de verdade.

Protagonista: ir pra Cuba eles não querem, né?

João: Cuba? Houve um expurgo nos cursos de humanas, aliás, grande parte desses cursos foram extinguidos. Algumas universidades ainda oferecerem, mas quase ninguém mais faz. Afinal, pra que serve história ou literatura? No lugar surgiram cursos muito mais úteis como coaching, administração de churrasco, adestramento de cães.

Protagonista: então o Brasil se tornou agora uma potência em pesquisa, tecnologia e educação? Imagino que os problemas da educação básica tenham sido resolvidos, com a prioridade sendo relocada para ela.

Gomes: na verdade... A educação básica também é toda privada agora.

Protagonista: mas e quem não tem recursos pra colocar o filho na escola?

João: ah, desde a liberação da educação domiciliar esse problema acabou.

Gomes: algumas pessoas dizem que os níveis de analfabetismo e violência doméstica nunca foram tão altos, mas todos os dados e pesquisas são levantados pelas universidades e elas insistem que o país nunca esteve tão próspero.

João: você não cansa dessas teorias da conspiração?

Gomes: eu falo do que eu vejo, nenhuma das crianças aqui do nosso co-living sabe ler. Mas todas sabem rezar e empreender.

Protagonista: rezar?

João: sim, pois somos uma nação temente a deus.

Protagonista: mano, vocês têm uma cerveja? O papo tá muito denso, eu ainda to meio grogue, queria beber alguma coisa. Vocês tão na minha casa, no mínimo podiam me dar uma.

João: que cerveja, viado? (começa a rir, bem informal)

Marina: cara, não sei se você percebeu, mas tá todo mundo meio fodido de grana aqui. E por todo mundo eu quero dizer o país todo.



Gomes: os mais espertos fugiram pra Argentina, mas eles começaram a barrar a entrada de refugiados e imigrantes depois que a tensão na fronteira cresceu. Disseram que “não querem a escória esquerdista”. Hoje ninguém mais sai. Os mais sortudos, como a gente, têm parentes fora do país que mandam dinheiro e conseguimos, com isso, dividir esse co-living bem humilde e plantar alguns vegetais.

João: mas ao menos temos deus.

[silêncio constrangedor de alguns segundos no quarto].

Protagonista [quebrando o silêncio]: o que deus tem a ver?

João: aprendemos com os erros com o tempo, o Brasil percebeu que só uma nação temente a deus pode prosperar e se livrar daquela praga vermelha do comunismo. Desde que o mito criou o expurgo dos ateístas comunistas o país recomeçou a prosperar.

Protagonista: mito? O Bolsonaro?

João: Bolsonaro?! Aquele esquerdalha?

Gomes: ele lambe as bolas do Silas Malafaia, o atual presidente.

João [apontando o dedo pro Gomes]: vai se foder! Só porque o Silas é o único capaz de consertar o Brasil, você, comunistinha lambe-saco do Jair, fica me xingando. Arrombado.

Gomes [levantando a voz]: se não fosse por bostas que nem você a gente não taria nessa merda, pra começar.

[no meio do clima tenso, o protagonista interrompe antes do João rebater]

Protagonista: pera lá, não vão cair na porrada aqui, porra. E volta um pouco. Que porra é essa de Bolsonaro ser de esquerda?

João: ué, a gente teve uma ditadura comunista com o Bolsonaro. Você ainda tava acordado quando ele se candidatou, né?

Protagonista: desde quando o Bolsonaro é comunista, porra? Ele era de direita, foi justamente por isso que a gente votou nele, pra tirar os comunas do poder e impedir a URSAL.

João: como assim, mano? Ele era do Partido SOCIAL Liberal, claramente comunista, porra.

Protagonista: [...]



João [continuando após alguns segundos de silêncio]: ele aprovou um terceiro mandato, estendendo seu tempo no poder; fez parcerias e uniões com outros governos comunistas ao redor do mundo, como os de Trump, Le Pen e Mussolini neta; dizem que ele e o Macri planejavam a criação da URSAL; além do mais ele era fascista, e todo mundo sabe que o fascismo era de esquerda assim como o nazismo.

João [depois de uma breve pausa]: É por isso que o Silas é um mito, ele colocou esse esquerdopata no seu devido lugar.

Protagonista: onde o Jair está hoje em dia?

João: ele foi exilado em Amsterdam, fugiu da prisão depois que o Malafaia emitiu um decreto. Esses comunas sempre fogem da briga, né? São covardes. Mas ir pra Argentina eles não querem.

Protagonista: por que Argentina? E Cuba? Por que eles nunca fogem pra Cuba?

João: o que é Cuba?

Marina: pra quem fez faculdade você é meio burro. É aquela ilha que foi anexada aos EUA.

Gomes: sim, durante a expansão comunista de Trump.

Marina: aliás, a gente nem sabe o seu nome ainda, moço.

Protagonista: é Winston.

Marina: Winston de que?

Winston: Smith

Gomes (solta um riso abafado)

Marina: nome estranho pra um brasileiro.

Winston: meu pai gostava muito de um livro antigo.

Marina: qual?

Winston: não sei, não me lembro o nome.



João: gente, a gente já tá aqui há muito tempo e já é quase hora do jantar. Vamos comer? Desde que a guerra acabou a gente tem tido mais comida. Aliás, você deu sorte, cara [se referindo a Winston]. Hoje é dia de frango. É o único dia da semana que comemos frango.

Winston: guerra?

Gomes: a guerra contra os EUA, eles invadiram o Brasil ano passado com o discurso de “precisamos salvar a Amazônia e impedir o cataclisma climático”. Obviamente venceram, Dizem que o Malafaia é fantoche deles.

João: isso é boato.

Gomes: mas explica muito.

Marina: Vamos comer. Hoje tem capítulo novo de Malhação.

Winston: Malhação ainda existe?

[todos começam a sair pela porta do quarto, um por um]

Winston [logo antes de sair]: e não é que virou a Venezuela mesmo?

Gomes [virando pra ele]: falou alguma coisa?

Winston: não.

[Fecha a porta].